

ARRANJOS CARTOGRÁFICOS PARA O RIO DE JANEIRO

O gênero pictórico conhecido como “natureza-morta” teve grande êxito no período Barroco. Com aparente neutralidade, sem vincular convicções religiosas ou estar a serviço da nobreza, a “natureza-morta” era o campo perfeito para exercícios artísticos sobre tela, a partir de singelas cenas montadas indoors. Paralelamente, o gênero autônomo da “paisagem” é considerado uma invenção do Renascimento. Assunto capturado ao ar livre, implicando o deslocamento físico do artista, a “paisagem” era o mediador cultural do que a vista alcançava ao transformar natureza outdoors em discurso artístico.

Mas por que essa breve retrospectiva histórica? Porque é preciso compreender em que campo ou contra que campo Ines e Louise atuam; avistar que reações elas metodologicamente constroem; contemplar as perguntas que elas imagetivamente formulam – por uma razão prospectiva, portanto.

Bastante distanciados do Renascimento ou do Barroco, podemos nos indagar sobre qual a possível operatividade daqueles dois gêneros pictóricos hoje. se percebemos que se tornou epistemologicamente complexo lidar com os termos “natureza” e “paisagem”, qual poderia ser a maleabilidade ou o “campo expandido” de tais gêneros artísticos?

Na exposição “Natureza-morta”, o conjunto de imagens fabricadas – que, logo veremos, têm a sua origem em processos cartográficos – reage simultaneamente ao campo histórico da “natureza-morta” e da “paisagem”. Devemos nos demorar nos títulos tanto quanto nas imagens pois eles têm a intenção de cartografar os arranjos naturais fotografados. Entre olhar a imagem e ler o título, passamos da natureza-morta à paisagem e vice-versa. os dois gêneros pictóricos se desfazem como campos estanques e trocam de posição dinamicamente.

À maneira dos conhecidos títulos descritivos do gênero da “natureza-morta” – “Cesta de Frutas” de Caravaggio; “Natureza-morta com pavões” de Rembrandt ou “Natureza-morta com pote de gengibre, açucareiro e laranjas” de Cézanne –, “Flores do Campo de Deodoro”, “Capins dos muros do Valongo”, “Vegetação ribeirinha no canal do Quitungo” ou “Brenha no pé da serra em Realengo” descrevem aquilo que foi fotografado mas, sobretudo, apresentam, justapostas, a chave geográfica e a pista metodológica da fabricação das imagens.

Através do vai-e-vem entre os títulos e as fotografias podemos percorrer as rotas traçadas pelas duas artistas no processo de coleta das plantas usadas nos arranjos decorativos. Durante cerca de dez dias, Ines e Louise percorreram dezenas de quilômetros da cidade do Rio de Janeiro guiadas por três vetores por elas definidos: Avenida Brasil, Linha Amarela e Gamboa. Um passeio por nossas paisagens devastadas, descuidadas, fortuitas, entendidas como descartáveis, no intuito de transformar essa natureza urbana outdoors em discurso artístico. À selvageria da ocupação urbana sobrepõe-se a resiliência vegetal daquelas espécies que habitam as frestas da cidade sempre à espreita de uma possibilidade paisagística insuspeitada.

A prática espacial é empregada aqui como uma metodologia artística. trabalhando juntas desde 2006, as artistas vêm baseando-se na itinerância e nas expedições pelo território. Mapeando com os próprios pés as paisagens daninhas, aquelas que espontaneamente nascem, crescem e reproduzem-se nas margens da urbanização impermeabilizante, elas coletaram toda a vegetação promissora que encontraram pelo caminho para que dela fossem feitos os arranjos decorativos.

Fonte de produtividade apenas para eventuais e cada vez mais raros cavalos, pássaros ou insetos, foi coletado um conjunto de matos, capins e outras coisas sem exuberância cultural legitimada e sem valor comercial atestado. Percebemos, assim, que a questão da beleza e do valor entram como elementos críticos a serem testados e invertidos. A própria ideia de um arranjo “decorativo” é um tanto provocadora no contexto das artes visuais. Dois mundos “estéticos” tão alheios são postos a comunicar através dos arranjos florais porque, quem foi de fato convidado a elaborar os arranjos não foram as artistas expedicionárias mas sim decoradores profissionais atuantes no ramo dos eventos e festas floridas, habituados ao catálogo da vegetação “nobre” disponível no mercado.

Os arranjos cuidadosamente compositivos fazem confrontar a linguagem decorativa e a selvageria da vegetação daninha. Fabricar composições florais sem flores nobres mas com folhagens rústicas e abandonadas pelo “gosto” cria uma torção cultural (sobre valor) e estética (sobre beleza). E também, como era de se esperar, surpresas poéticas e descobertas práticas: os arranjos tinham que ser rapidamente feitos dentro do limitado tempo das plantas “sem que perdessem a exuberância”, como relataram as artistas. o mangue, por exemplo, não se mostrou muito disposto a ser rearranjado, perecendo assim que coletado.

Toda a sorte de ventos, cheiros, velocidade de andanças, conversas com passantes e floristas encontra-se condensada nas imagens. Toda a cartografia experimentada na cidade do Rio de Janeiro, que o corpo assim cuidou de esquadrihar, e todo o olhar estético que a noção cultural de paisagem ajudou a construir mentalmente, conferem camadas de complexidade atual ao gênero da “natureza-morta”. Agora, finalmente, destituído de neutralidade e inseparável de seu sistema político-ambiental.

Renata Marquez, junho de 2015